



## AOS SERES DOS SALTOS

*Por: Manoel Honorio Romão*

Às vezes é tão difícil expressar o que sentimos. Às vezes, tão fácil transbordar de dor, amor, rancor, alegria, melancolia. Às vezes... por que só às vezes? Imagino que escapamos de um estado de transe e saltamos; saltamos de um estado sentimental nomeado como normal. Vamos para o incontrolável? Incontrolável? Para a sociedade da normalidade é um surto, um estado de loucura; mas o que está em jogo é o salto. Por que saltamos? Precisamos controlar esses saltos? Até onde podemos saltar?

Uma gama de perguntas que se transformam em um regime de controle hormonal. Até onde uma dose extra de hormônio pode modificar seu humor? Ou melhor: até onde uma dose de hormônio controla seus saltos? Controlar os saltos que permitem você viajar sem sair de um espaço físico, mas permite que você zarpe em um espaço-tempo ao infinito da sua imaginação. Somos seres da imaginação, de um pensamento de fantasia, que nomeia e classifica tudo que está ao redor.

Nomeamos, classificamos, controlamos... Nos controlamos? Controlamos esses seres que dizem amar a liberdade? Será que realmente somos os seres que querem liberdade? Então, por que controlar nossos saltos? Saltos esses responsáveis pela descoberta do fogo e do átomo. Por quê? Por que temos de parar de saltar? É difícil aceitar que somos seres que saltamos e que nem todo salto nos permite um sentimento classificado como bom? Difícil aceitar que a raiva ou a dor são operadores para conhecer nossa realidade?

Saltos necessários para nos conhecermos, pois fazemos parte desta realidade. Pensar sobre esse excesso de controle é um salto. Vejo-me saltando com raiva e esperança; sonhando que os seres se reconheçam saltadores.... Tanto de árvores, quanto de sentimentos, a exemplo de nossos ancestrais. Será o medo de ser selvagem? Saltar é um ato de selvageria? Irritar-se com alguém ou com si mesmo é um ato de selvageria? Por que é tão proibido ser um selvagem? Ou um ser sensível? Precisamos escolher? Ser sensível, selvagem ou racional?



Na dúvida, eu salto. Não posso viver à beira de um abismo de sentimentos. Na dúvida, eu salto, eu sinto, eu vivo. Por um instante, que pode ser qualquer fração desse ou daquele tempo, eu vivo o salto. Ou eu salto para me sentir vivo? Eu, este ser, espécime dos saltadores de árvores e sentimentos, salta por um momento para suspender-se em uma atmosfera, os pensamentos que ficam latentes apenas nessa altitude. Somente saltando consigo ver o Eu — um salto que permite ver o Eu. Algo fora da luz ou da escuridão. Em meio à sombra descansa o Eu, que só desperta com um salto. No fundo, controlar esses saltos é impedir o despertar do Eu? Na dúvida? Salte, sinta, Viva.

*Escrito em uma tarde ensolarada de 22 de julho de 2020, enquanto a pandemia da COVID-19 impedia muitos dos nossos saltos.*



## UMA QUASE BIOGRAFIA DE MIM, QUE CONTINUO SALTANDO E QUERENDO SALTAR:

*Por: Manoel Honorio Romão*

*E-mail: oiromao@gmail.com*

Manoel, Honorio ou Romão, viajante com alma errante,  
Por terras de Ceará-Mirim a Fortaleza, paisagens vibrantes.  
Guamaré e Itapipoca, onde os ventos sussurram segredos,  
Mossoró e Pendências, no coração, mistérios e medos.

Alto do Rodrigues, onde o sol beija o horizonte,  
Natal, cidade dos sonhos, onde a vida é uma fonte.  
Entre bytes e genes, na ciência encontra seu norte,  
Educação e Saúde, guias na jornada da sorte.

Caminha pelas trilhas da informática, desvendando o virtual,  
Na biologia, decifra o código da vida, essencial.  
Ciências e Educação, faróis de conhecimento eterno,  
Na Saúde, a esperança floresce, um gesto terno.

Manoel, Honorio ou Romão, nomes que ecoam na minha imensidão,  
Em cada lugar, uma história, uma vida, uma canção.  
De Ceará-Mirim a Natal, traço meu destino com fervor,  
Nas trilhas do saber, construo um mundo com amor.